

Modos: outras maneiras de nomear as escalas

Na chamada “gama diatônica” também denominada escala (maior ou menor) encontramos em sua estrutura cinco tons e dois semitons. A exemplo destacamos a estruturação da escala maior baseada na sequência de tom, tom, semitom, tom, tom, tom, semitom (T- T- st – T- T- T- st). Baseado nesse pensamento Henry Barraud (1983, p.17) explica:

“[N]o interior de um intervalo de oitava há várias maneiras possíveis de distribuir cinco tons e dois semitons. E, segundo a ordem de sucessão na qual os colocamos, obtemos escalas de sons de caráter variado que oferecem à música recursos exatamente diferentes. Estas escalas diferentes chamam-se modos”. (Barraud, 1983, p.17)

Historicamente, o uso de modos, além daqueles que deram origem ao sistema tonal (modo maior e menor) aparecem já no período da Grécia antiga. Estudiosos europeus apontaram inúmeros argumentos a esse respeito. Sobre isso, encontramos citações de Grout e Palisca (2007) delineando a maneira a qual os modos foram introduzidos na música europeia:

“Franchino Gaffurio foi um dos estudiosos da música que [...] incorporou boa parte dos conhecimentos e da teoria dos gregos nas suas obras mais importantes, *Theorica musice* (*Teoria da música*), de 1492, *Practica musice* (*Prática da música*), de 1496, e *De harmonia musicorum instrumentorum opus* (*Obra sobre a harmonia dos instrumentos musicais*), de 1518. Os escritos de Gaffurio foram os que maior influência tiveram na música de finais do século xv e início do século xvi e, [...] estimularam [...] pensamento sobre temas como os modos, a consonância e a dissonância, o propósito e parâmetros do sistema tonal, a afinação, as relações entre música e palavra e a harmonia da música, do homem, do espírito e do cosmos.

A convicção de que a escolha de um modo era a chave do compositor para despertar as emoções do ouvinte foi introduzida pela leitura dos antigos filósofos. Tanto Platão como Aristóteles insistiam nos diferentes efeitos éticos dos vários modos [...]. Os teóricos e os compositores partiam do princípio de que estes modos gregos eram idênticos aos modos eclesiásticos com os mesmos nomes e de que os poderes emotivos dos antigos podiam ser atribuídos aos modos eclesiásticos, procurando, assim, *inflectir*¹ o seu potencial para servir determinados fins”. (GROUT; PALISCA, 2007, 185-186)

Resumidamente os modos gregos são sequências sonoras vistas como outros tipos de escala. Seu uso se dá à partir da sensação que se queira causar ou incitar:

“Cada modo tem uma sonoridade, um sabor específico, um *ETHOS*. Eles foram desenvolvidos na Grécia antiga, séculos antes de Cristo e sua importância estava relacionada à compreensão das sensações que a música provoca nos praticantes e ouvintes. Desta forma, cada *modo* se alinhava a certas qualidades de caráter (*ETHOS*), sendo algumas mais apropriadas à vida coletiva do que outras”. (LOBO, 2013, p.3)

¹ Curvar, dobrar, inclinar. Modificar (a voz). (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/inflectir/> Acesso em: 28/09/2022)

A partir de sua criação, obtivemos dois modos principais (modo maior e menor) que deram origem ao sistema tonal. No entanto, ainda assim, os modos gregos ou eclesiásticos mantiveram-se em uso.

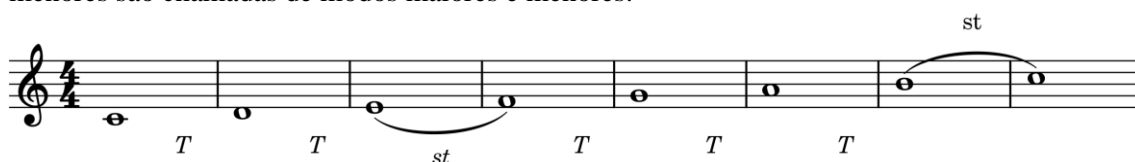
“Na Grécia antiga, foram desenvolvidas, a partir das sete notas naturais, diversas “escalas” ou *modos* musicais que receberam os nomes das regiões da Grécia onde eram mais familiares, por se adaptarem às suas tradições culturais e estéticas (Jônio, Dórico, Frígio, Lídio, Eólio).

Mais tarde, durante a idade média, a liturgia católica, através do Papa Gregório I, adaptou estas formas de estruturação musical e estabeleceu sete modos musicais: Jônio, Dórico, Frígio, Lídio, Mixolídio, Eólio e Lócrio. Assim, a música litúrgica deste período usava modos específicos de acordo com a sensação ou estado mental que se queria despertar nos fiéis em cada parte de uma cerimônia. Por isso, os modos são conhecidos também como modos gregorianos (em referência ao Papa Gregório I) e usados no chamado canto gregoriano”. (LOBO, 2013, p.3)

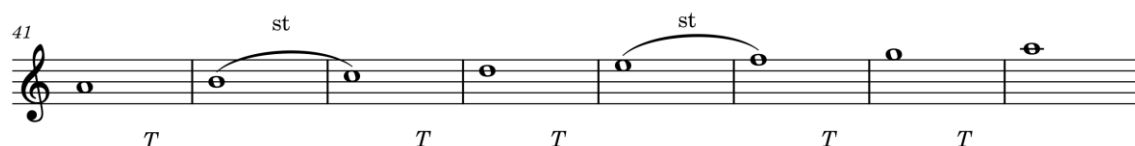
A criação dos modos

Os modos gregos ou gregorianos originaram-se a partir de um modo modelo que também é conhecido como modo maior ou, mais especificamente, a escala de dó maior. Organizada em notas naturais, todas elas estão inclusas na sequência *dó, ré, mi, fá, sol, lá, si* que dá origem a outras sequências a partir de cada nota existente. Com a organização de tom e semitom modificada por conta da sequência das notas, estes modos originários, possuem uma característica sonora específica. Dessa forma, cada um deles traz em si um nome e uma sensação.

O modo *jônio* é sinônimo da escala maior que também pode ser chamada de modo maior. Inclusive, é por esta razão originada dos modos gregos ou eclesiásticos que escalas maiores e menores são chamadas de modos maiores e menores.



Ao mesmo tempo, a relativa menor de *dó maior* também se enquadra enquanto um modo, o *eólio*. Este modo é construído em cima da mesma formatação de uma escala menor natural ou antiga.



Outros modos são construídos a partir das demais notas existentes fora do eixo maior (jônio) ou menor (eólio). Por exemplo, o modo criado a partir da nota ré, chama-se *dórico*; de *mi* chama-se *frígio*; de *fá* chama-se *lídio*; de *sol* chama-se *mixolídio*; de *si* chama-se *lócrio*.

Modos além do jônio e eóleo

De dó a Si apresentaremos os modos gregos na sequência em que se apresentam. No entanto, *jônio* e *eóleo* possuem a repetição dos exemplos ocultados por já terem sido mencionados.

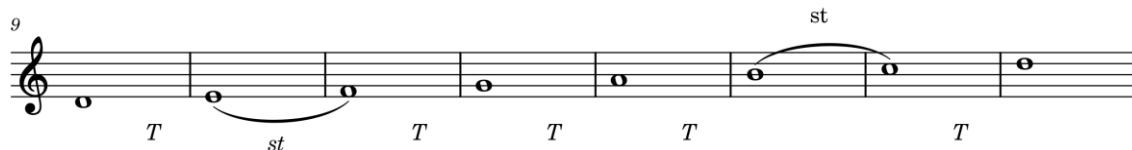
Jônio

Mencionado anteriormente, entende-se este modo como o modelo para os demais. Uma vez que temos as sequências de notas naturais.

Particularidades intervalares do modo jônio							
Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si	Dó
Tônica	2ª M	3ªM	4ªJ	5ªJ	6ªM	7ªM	8ªJ

Dórico

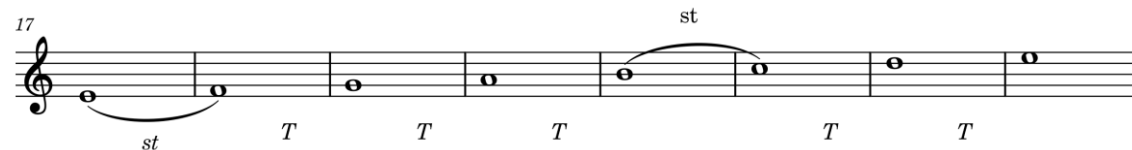
9



Particularidades intervalares do modo dórico							
Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si	Dó	Ré
Tônica	2ªM	3ªm	4ªJ	5ªJ	6ªM	7ªm	8ªJ

Frígio

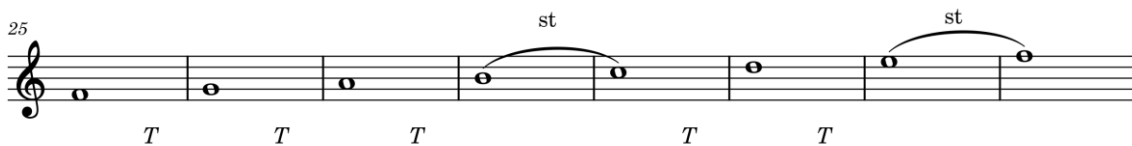
17



Particularidades intervalares do modo frígio							
Mi	Fá	Sol	Lá	Si	Dó	Ré	Mi
Tônica	2ªm	3ªm	4ªJ	5ªJ	6ªm	7ªm	8ªJ

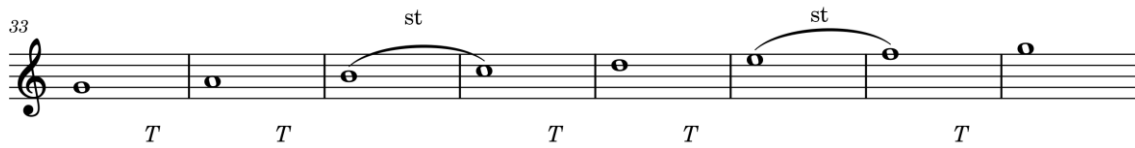
Lídio

25



Particularidades intervalares do modo lídio							
Fá	Sol	Lá	Si	Dó	Ré	Mi	Fá
Tônica	2ªM	3ªM	4ªAum.	5ªJ	6ªM	7ªM	8ªJ

Mixolídio



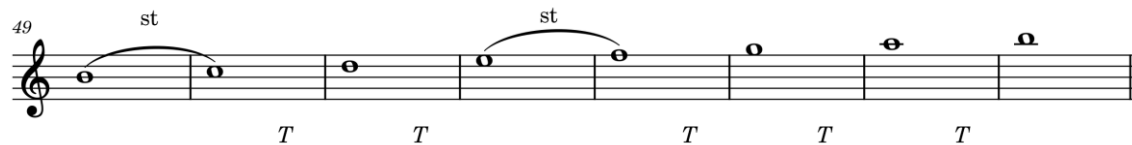
Particularidades intervalares do modo mixolídio							
Sol	Lá	Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol
Tônica	2 ^a M	3 ^a M	4 ^a J	5 ^a J	6 ^a M	7 ^a m	8 ^a J

Eóleo

Mencionado anteriormente, o modo eóleo é o espelho do modo jônio, assim como, quando falamos anteriormente do modo maior/menor.

Particularidades intervalares do modo eóleo							
Lá	Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá
Tônica	2 ^a M	3 ^a m	4 ^a J	5 ^a J	6 ^a m	7 ^a m	8 ^a J

Lócrio



Particularidades intervalares do modo lócrio							
Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si
Tônica	2 ^a m	3 ^a m	4 ^a J	5 ^a dim.	6 ^a m	7 ^a m	8 ^a J

Um Resumo

Existem sete modos gregos baseados na construção de tom e semitom de um modelo. Estruturalmente encontram-se particularidades sonoras. Assim temos:

- I – Jônio – Modo do 1º Grau: T – T – st – T – T – T – st : escala maior;
- II – Dórico – Modo do 2º Grau: Possui 3^am e a 7^a m;
- III – Frígio – Modo do 3º Grau: Possui a 2^am, 3^am, 6^am e a 7^am;
- IV – Lídio – Modo do 4º Grau: Possui a 3^aM e a 4^a dim;
- V – Mixolídio – Modo do 5º Grau: Possui a 3^aM e a 7^a m;
- VI – Eóleo – Modo do 6º Grau: Possui a 3^am e a 7^am : escala menor natural;
- VII – Lócrio – Modo do 7º Grau: Possui a 2^am e a 5^adim;

A partir disso, entendemos que pode-se transpor qualquer escala e sua combinação na mesma estruturação de qualquer modo apresentado. Aqui mostraremos a sequência de *dó* como exemplo de transposição nos modos variados:

Dó dórico

Dó Lídio



Dó Frígio

Dó Mixolídio



Dó Eóleo

Dó Lócrio



Como outra maneira de categorizar, entre os modos gregos também encontramos modos gregos menores e modos gregos maiores. Uma vez que mantemos os parâmetros de especificidade da escala maior e menor para defini-los devemos apontar que modos com 3ªM são considerados maiores e com a 3ªm são considerados menores com as devidas alterações nos demais graus de acordo com a particularidade dos modos já apresentados. Assim, os modos *jônio, lídio e mixolídio* são vistos como maiores e *dórico, frígio, eóleo e lócrio* como menores.

Escala cromática e a escala diatônica

“Mas o sistema tonal, em que a música clássica viveu durante mais de três séculos, não trata todos esses sons e todos esses intervalos da mesma maneira. Deles retém sete e constrói com eles a gama chamada de *dó maior: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si*.”

Já que estes sete sons foram destacados dos doze sons que preenchem exatamente a oitava com intervalos iguais, é evidente que eles não podem ter entre si intervalos iguais, na medida em que o número sete não é um múltiplo de doze. Os intervalos entre estes sete sons têm dois aspectos diferentes: os menores são semitons [...]; os maiores sons, [são] feitos [...] da soma de dois semitons.

A gama tonal de sete sons [que chamamos também de escala que podem ser maiores ou menores] comporta, assim, no interior da oitava, cinco intervalos de um tom e dois intervalos de um semitom. A sucessão de doze sons que falamos acima (os que tem entre si intervalos iguais de semitom), chama-se gama [ou escala] ‘cromática’. A sucessão de sete sons com intervalos desiguais da gama tonal chama-se gama ‘diatônica’”. (BARRAUD, 1983, p.16-17)

Referências

Donald J. GROUT. PALISCA, Claude V. História da Música Ocidental. Lisboa: Editora Gradiva. 3ª Edição. 2007.

LOBO, Felipe. Modos Gregos. Cifraclub. 2013. Disponível em:

<https://www.cifraclub.com.br/aprenda/violao/tutoriais/373/1> Acesso em: 27/09/2022.